Dinamarquês
Inglês
Francês
Italiano
Português

CSJournal

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

Setembro - Outubro • Ano 2026 - n . 5

Conselho Geral

Sumário

VÍNCULOS, SILÊNCIO E MATURIDADE ESPIRITUAL

Irª Elisa Fátima Zuanazzi, CSJ

Conselho Geral



O Encontro Pessoal com Cristo, em Comunidade e no Coração da Missão.

No coração da vida consagrada, antes de qualquer missão ou serviço, está o encontro pessoal com Jesus Cristo. Para as Irmãs de São José de Chambéry, esse encontro constitui a fonte permanente da fecundidade apostólica. Seguir Cristo não é aderir a um programa, mas deixar-se encontrar por uma Pessoa viva que chama pelo nome.

Desse encontro nasce o vínculo com Cristo, fundamento de todos os demais: com as irmãs da comunidade, com os pobres e com a Igreja local. Sem esse enraizamento, os relacionamentos podem

Conselho Geral

Vínculos, Silêncio e Maturidade Espiritual — CAPA

JPIC

Noruega: Justiça, Verdade e Amor nas Discussões Políticas — 3

Bolivia: Pequenos gestos, grandes mudanças — 5

Interculturalidade

Tanmaya: Encontrando um Lar em Diferentes Culturas — 7

Novas Santas — 8

CIC

Paquistão: Vozes de Esperança na Era Digital e na Era da IA — 9

Província/Região/Missão

Tanzânia: A missão floresce na Tanzânia — 11

Brasil: Peregrinas da esperança, testemunhar a unidade — 12

Brasil: Cuidado e Proteção de Pessoas Vulneráveis em Ambientes Eclesiais — 14

Brasil: Mecú i: um caminho que me transforma — 15

tornar-se funcionais e a missão perder sua força profética. A maturidade espiritual se revela na capacidade de fazer de Cristo o centro da vida, o descanso do coração e o horizonte do olhar.

Nossa espiritualidade convida à unidade e à encarnação: "a união total de nós mesmas e das pessoas com Deus, e a união das pessoas entre si e conosco". Essa unidade não nasce do ativismo, mas do silêncio habitado por Deus.

Para a religiosa inserida numa missão exigente, marcada pela pobreza, pelas diferenças culturais e linguísticas e pelas múltiplas responsabilidades, cultivar o silêncio pode parecer um desafio. Entretanto, ele não significa afastar-se do mundo, mas habitá-lo com Deus. É no silêncio que aprendemos a olhar com os olhos de Cristo, escutar antes de falar e amar antes de agir. Santa Joana de Chantal dizia que a "alma que não encontra Deus no silêncio dificilmente o encontrará no movimento". A oração contemplativa não é um luxo, mas condição para uma missão fecunda.

No espaço interior, a maturidade se fortalece e aprende a distinguir os medos do chamado de Deus, a enfrentar as contradições sem amargura e a acolher os fracassos apostólicos sem perder a paz, porque a identidade está enraizada em Cristo.

A vida comunitária em contexto missionário é enriquecida e desafiada pela diversidade cultural, que amplia horizontes, transforma perspectivas e nos convida a superar o etnocentrismo. Porém, pode gerar incompreensões e feridas relacionais.

A maturidade espiritual não consiste na ausência de conflitos, mas na capacidade de permanecer em relação mesmo quando ela dói. É fidelidade ao encontro cotidiano com a irmã que nos desafia e que vive ou reza de maneira diferente. São José, modelo de vida oculta e fidelidade silenciosa, recorda-nos que a santidade se constrói nas relações concretas, imperfeitas e amadas.

Nossas comunidades precisam de mulheres enraizadas no mistério da Trindade, capazes de sustentar os vínculos fraternos em meio às exigências da missão. A comunidade não é apenas suporte para o apostolado: é a casa que o torna possível e o primeiro anúncio do Evangelho, pelo testemunho do amor.

O seguimento de Cristo exige fidelidade criativa: permanecer fiéis ao carisma e à espiritualidade recebida, encontrando formas novas de vivê-los nas culturas,



necessidades e linguagens de hoje. Não se trata de abandonar as raízes, mas de permitir que produzam novos frutos.

A maturidade espiritual não é perfeição estática, mas disponibilidade constante para ser moldada pelo Espírito. É continuar, em qualquer idade, deixando-se surpreender por Deus no cotidiano, acolhendo o mistério do outro e reconhecendo em Cristo, no tabernáculo, no rosto do pobre e no olhar da irmã, a razão de tudo.

Que o silêncio nos aprofunde, os vínculos nos purifiquem e o encontro com Cristo nos envie, renovadas, ao coração da amada missão cotidiana.

JUSTIÇA, VERDADE E AMOR NAS DISCUSSÕES POLÍTICAS



Helga Haass-Männle, LLPP

Noruega

Todos os anos, desde 2016, no mês de julho, as Nações Unidas realizam, em Nova York, uma reunião para avaliar o progresso alcançado em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essa reunião, denominada Fórum Político de Alto Nível sobre o Desenvolvimento Sustentável, concentra-se, a cada ano, em 5 dos ODS. Os cinco objetivos analisados em profundidade este ano foram: ODS 6 – Água potável e saneamento; ODS 7 – Energia limpa e acessível; ODS 9 – Indústria, inovação e infraestrutura; ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis; e ODS 17 – Parcerias e meios de implementação.

Todos os Estados-membros da ONU são convidados a apresentar um Exame Nacional Voluntário (ENV) para demonstrar o que realizaram, os desafios que enfrentam e como estão avançando na implementação dos ODS. Este ano, entre os países que apresentaram um ENV, estão várias nações onde as Irmãs de São José estão presentes — a Noruega é uma delas. A ONU deseja que a voz das pessoas que atuam na base (no nível local) seja incluída no relatório governamental.

Irmã Barbara Bozak, CSJ, que representa as Congregações de São José na ONU, convidou os LLPPs Helga Haass-Männle e Ferdinand Männle, na Noruega, para representar a voz da base da sociedade naquele país. Como parte da Justice Coalition of Religious (JCoR)/Coalização de Justiça de Religiosos — uma coalizão global composta por 24 organizações não governamentais (ONGs) católicas, credenciadas junto às Nações Unidas e que representam mais de 200 congregações em mais de 130 países —, participamos de um programa online oferecido pela JCoR. Esse programa, coordenado por Teresa Blumenstein, preparou e capacitou membros das congregações e LLPPs interessados em contribuir, a partir da perspectiva da base da sociedade, para o Relatório Nacional Voluntário (VNR, na sigla em inglês) de seus respectivos governos.

Helga e Ferdinand entraram em contato com o Fórum Norueguês para o Desenvolvimento e Meio Ambiente (ForUM), uma associação de ONGs. O documento a ser apresentado no VNR foi discutido e, ao final, continha as mesmas



observações feitas no VNR de 2021 — o que demonstra que o progresso está estagnado! A Noruega alcançou um nível considerável em relação a todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); contudo, nem todos os problemas e desafios estão sendo devidamente abordados. O motivo principal é a falta de coerência e de vontade política para promover melhorias. As ONGs que integram ou colaboram com o ForUM foram convidadas a indicar um representante da sociedade civil para estar em Nova York e apresentar o documento; a tarefa foi realizada por uma pessoa que já se encontrava em Nova York, a qual fez a apresentação.

Uma segunda parte da formação da JCoR foi o "laboratório dos ODS" (SDG-lab). Os participantes foram convidados a escolher um dos ODS em foco e apresentar o seu próprio "VNR" (Relatório Nacional Voluntário) aos demais membros. Seguiram-se discussões interessantes e proveitosas. Ao final, o laboratório da JCoR assemelhava-se a um "pequeno, porém global, HLPF" (Fórum Político de Alto Nível).

As experiências com a JCoR foram apresentadas durante o seminário anual de JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação) da Província Norueguesa, realizado em 27 de setembro de 2026, em Oslo. Estavam presentes cerca de 25 participantes, dos quais mais da metade eram religiosas, acompanhadas por associados e amigos. O seminário de JPIC foi programado para ocorrer durante o Tempo da Criação e no Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2026. Coincidentemente, o evento ocorria durante a "Semana de Alto Nível" da ONU, em Nova York, que reuniu muitos dos principais líderes políticos mundiais para debater políticas públicas e os ODS. Nesse contexto, vale recordar as palavras do Papa Francisco: "O espiritual é político" (Evangelii Gaudium, 2013). Por sua vez, António Guterres, Secretário-Geral da ONU, afirmou no prefácio do *Laudato Si' Reader*: "O político é espiritual". Assim, podemos dizer que as pessoas consagradas são conselheiras competentes para políticos em todos os níveis.

Resta uma última questão: o que a Coalizão de Justiça de Religiosos (Justice Coalition of Religious) pode contribuir para as discussões políticas sobre a situação dos pobres e dos mais marginalizados? O filósofo Erich Fromm afirmou: "Viver 'religiosamente' significa o mesmo que os profetas e Jesus queriam dizer com isso: praticar a justiça, dizer a verdade e amar o próximo". Levar essas atitudes para os debates políticos poderia, por vezes, ser muito útil.

PEQUENOS GESTOS, GRANDES MUDANÇAS



Irª Francisca Dias de Medeiros, CSJ

Bolivia

A Família São José, da comunidade de São Ramón, celebrou o Tempo da Criação com encontros de oração, reflexão e compromisso, destinados a fortalecer a consciência sobre o cuidado com o meio ambiente e a Casa Comum.

Os participantes reuniram-se todas as manhãs na praça principal de São Ramón. Cercados pela abundante vegetação que caracteriza esse espaço, encontraram na natureza um lugar privilegiado para contemplar a beleza da criação e reconhecer os dons que Deus nos oferece.

Um dos temas centrais das reflexões foi o cuidado com a água. São Ramón conta com importantes recursos hídricos, entre eles o rio Machupo, lagoas e córregos naturais que enriquecem e embelezam a região. Essa abundância é um dom que nos convida à gratidão e, ao mesmo tempo, a assumir uma atitude responsável, evitando o desperdício e promovendo o uso consciente desse recurso essencial.

Outro aspecto que suscitou profunda reflexão foi a poluição dos rios, das lagoas e dos espaços públicos. Embora existam lixeiras na praça e em outros setores da comunidade,



Unidas em oração pela criação



Mulheres da família de São José usando sacolas recicladas para suas compras no mercado

ainda se observa a presença de resíduos no chão, entre as plantas e próximos às fontes de água. Diante dessa realidade, destacou-se que a preservação dos espaços comuns é uma responsabilidade compartilhada por toda a comunidade.

O Tempo da Criação também possibilitou uma reflexão sobre o uso excessivo de sacolas plásticas. Recordando os costumes dos antepassados, que costumavam levar cestas ou recipientes próprios para fazer compras no mercado, as participantes assumiram o compromisso de resgatar esses hábitos e reduzir o consumo de plástico.

Ao longo dos encontros, foram assumidos compromissos concretos para a vida cotidiana, como reduzir o uso de plástico, separar e reciclar os resíduos, economizar água e energia, desligar as luzes e os aparelhos que não estiverem sendo utilizados e depositar corretamente o lixo nos locais destinados a esse fim.

As reflexões também abordaram a justiça e a solidariedade, recordando que a deterioração ambiental afeta especialmente as pessoas e as comunidades mais vulneráveis. Cuidar da criação significa, portanto, proteger a vida, defender a dignidade humana e assumir a responsabilidade pelo futuro das próximas gerações.

Como expressão desse compromisso, a Família São José decidiu utilizar os meios de comunicação presentes no cotidiano da comunidade para ampliar a divulgação dessa mensagem. Serão produzidos pequenos vídeos educativos com orientações práticas sobre o cuidado com a água, a destinação correta dos resíduos, a reciclagem e a redução do uso de plásticos. Esses conteúdos serão compartilhados pelas redes sociais, com o propósito de alcançar mais famílias e incentivar a comunidade a adotar hábitos sustentáveis, pois as grandes mudanças começam com pequenos gestos.

A experiência vivida reforçou a importância de transformar a consciência em ações concretas e cotidianas, reconhecendo que cada gesto de respeito e amor pela criação contribui para construir uma comunidade mais consciente, solidária e responsável diante de Deus, dos irmãos e das futuras gerações.

ENCONTRANDO UM LAR EM DIFERENTES CULTURAS



Irª Laveena D'Souza, CSJ

Tanmaya - Índia/Itália

Encontrando um lar em diferentes culturas. Faz um ano que cheguei à comunidade de Casaletto, aqui em Roma. Deixar para trás tudo o que me era familiar para ingressar em um novo país não foi nada fácil. O idioma, o ritmo do dia a dia, os costumes — tudo parecia diferente, e, muitas vezes, me vi tentando lidar com situações que eu jamais havia vivenciado.

Há cerca de três meses, desci à cripta em Casaletto para um momento de oração em silêncio. Enquanto estava ali sentada, contemplando o Sacrário e a Cruz, minha mente aquietou-se por completo. Eu não estava planejando nem refletindo sobre nada em particular. Mas, nessa quietude, um pensamento começou a tomar forma em meu coração. Era algo simples, porém marcante: as palavras da oração do "Pai Nosso" e a profundidade com que elas dialogam com o significado de viver em uma comunidade intercultural.

A oração do Pai Nosso



Irmãs: Anna Maria, Cristina, Stella, Maria Pia, Veronica, Celine, Consolata, Biagina, Dolores, Graziella, Cristina, Margherita, Laveena e Anna Vincenzina reunidas em Casletto

é rezada em todo o mundo, em inúmeros idiomas e lugares. É um convite diário a buscar a unidade em um mundo repleto de diversidade. Quando vivenciada em um ambiente multicultural, essa oração torna-se um guia prático para a forma como nos tratamos uns aos outros. Ela nos recorda que a verdadeira unidade não provém de regras ou estruturas, mas de um coração aberto que se renova a cada dia.

Rezar juntos coloca-nos diante de Deus como uma única família. Isso nos proporciona um terreno comum, mais profundo do que qualquer diferença cultural, revelando-nos que a vida comunitária começa com um verdadeiro sentimento de pertença. Essa percepção transforma o modo como olhamos uns para os outros — especialmente para aqueles que, embora venham de origens distintas, compartilham a mesma jornada espiritual. Ela nos leva a olhar para as pessoas com compaixão e zelo, ajudando-nos a valorizar as tradições, os hábitos e os dons singulares que cada indivíduo traz consigo.

Quando abordamos nossas diferenças com essa mentalidade, a diversidade deixa de ser motivo de tensão e passa a ser um motivo de alegria. Viver em meio a diferentes culturas exige abertura, confiança e disposição para abrir mão de antigas expectativas. Nem sempre é um processo tranquilo. Quando chegamos a um lugar novo, até mesmo questões simples — como aprender o idioma, acompanhar uma conversa ou adaptar-se a diferentes tipos de comida e hábitos — demandam tempo e esforço. É preciso ter paciência, bondade e uma confiança constante em Deus.

Quando nos sentimos verdadeiramente acolhidas, cuidadas e aceitas em uma comunidade, a vida se abre. As pessoas se sentem respeitadas, cada cultura encontra seu espaço, e os relacionamentos se aprofundam por meio de uma conexão humana real. É assim que, aos poucos, uma comunidade se torna um lugar onde todas podem se sentir em casa. Olhando para trás, hoje sinto uma profunda gratidão, pois percebo que realmente pertenço a este lugar, sendo amada e cuidada pelas minhas irmãs aqui. Cada uma delas traz uma bênção à minha vida, de maneiras que, muitas vezes, eu nem espero. Talvez o mais bonito de tudo seja ser aceita exatamente como sou, sem sentir a necessidade de mudar quem eu sou. Não é uma forma linda de conviver?

Novas Santas

Irª Borsoi Idaliana	90	Brasil	05.09.2026
Irª Santa Bianchin	86	Brasil	08.09.2026
Irª Joana Adélia Montemaggiore	94	Brasil	13.09.2026
Irª Hedy Leonida Herbert	87	Brasil	15.09.2026
Irª Anne Ida	90	Dinamarca	23.09.2026
Irª Marie Denise D'mello	95	Nagpur	01.10.2026
Irª Agnes David	78	Nirmala	19.10.2026
Irª Maria Juliana	107	Brasil	21.10.2026
Irª Vincent Kurishingal	97	Pachmarhi	28.10.2026

VOZES DE ESPERANÇA NA ERA DIGITAL E NA ERA DA IA – ENCONTRO PRESENCIAL DA COMISSÃO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO



Irª Sumaira, CSJ

Paquistão

De 6 a 12 de setembro de 2026, a Comissão Internacional de Comunicação (ICC) reuniu-se presencialmente em Roma, tendo como tema "Vozes de Esperança na Era Digital e na Era da IA". O encontro foi um momento significativo de reflexão, diálogo e planejamento, durante o qual a Comissão buscou aprofundar sua compreensão sobre a comunicação e seu papel na missão das Irmãs de São José de Chambéry.

Esse período privilegiado de encontro presencial contou



Irmas: Rozangela, Celine, Barbara, Sumaira, Laveena, Navya, Ericka e Eliana na reunião do CIC

com a assessoria do Pe. Joel Nkongolo, coordenador de Comunicação dos Missionários Claretianos em Roma, que nos convidou a ver o mundo digital não apenas como uma ferramenta, mas como um espaço de missão, no qual pessoas reais — com suas histórias, lutas, esperanças e questionamentos — estão presentes. Ele lembrou às participantes que a comunicação envolve ver, ouvir e acompanhar, seguindo o exemplo do Bom Samaritano. Nossa presença, tanto institucional quanto pessoal, no ambiente digital e fora dele, deve refletir nossa identidade, missão e carisma.

A Comissão também teve a oportunidade de conhecer o Dicastério para a Comunicação e de dar continuidade ao aprofundamento do tema com Ir. Nina Benedikta Krapić e a Dra. Natasha Govekar, por meio de uma visita nas atividades desse Dicastério. Ambas nos incentivaram a conhecer melhor os documentos da Igreja sobre a comunicação e a refletir mais profundamente sobre a identidade e a missão da Vida Religiosa. Fomos encorajadas a evitar narrativas superficiais que reduzam a Vida Religiosa a um conjunto de atividades e a comunicar a realidade mais profunda da vida consagrada: uma vida de oração, serviço e compromisso com o próximo,



especialmente com as pessoas mais vulneráveis e sofredoras. A Comissão também foi alertada para o grande volume de conteúdo digital produzido, incluindo materiais gerados por inteligência artificial, que, por vezes, pode distorcer a imagem da Vida Consagrada. A comunicação exige discernimento, intencionalidade, autenticidade e fidelidade ao nosso carisma.

Um dos focos importantes da reunião foi a elaboração de um Plano Estratégico de Comunicação para os próximos três anos. As participantes analisaram a Congregação como um todo e, por meio de um diálogo participativo com o Conselho Geral, refletiram sobre como atuar de forma colaborativa com as diferentes comissões. O processo ajudou a identificar caminhos para fortalecer a comunhão interna e tornar a identidade da Congregação mais visível, por meio de uma comunicação coerente, responsável, criativa e fiel ao carisma. Também foram definidas diretrizes e ações práticas para orientar a missão de comunicação da Congregação nos próximos anos.

O grupo teve, ainda, oportunidades de convivência informal, partilha de experiências e fortalecimento dos laços de comunhão, o que enriqueceu a vivência comunitária e renovou o espírito missionário da Comissão. Essa experiência renovou o compromisso da Comissão com uma comunicação que edifica a comunhão, respeita a dignidade humana, responde aos sinais dos tempos e expressa, com fidelidade, o espírito e o carisma das Irmãs de São José de Chambéry.

A MISSÃO FLORESCE NA TANZÂNIA: UMA BOA NOTÍCIA QUE RENOVA A ESPERANÇA



Ir[a] Josiane Mota Coelho, CSJ

Tanzânia

E a árvore continua crescendo e estendendo seus ramos por terras férteis, onde as sementes plantadas começam a brotar.

"Eis que vos anuncio uma Boa Notícia, uma grande alegria para todo o povo!" (Lc 2,10). É com essas palavras do anúncio do anjo aos pastores de Belém que iluminamos esta feliz comunicação. Após 23 anos de presença missionária em terras tanzanianas, nossa Congregação acolhe, com imensa alegria, a primeira jovem africana a professar os votos religiosos nessa missão.

No dia 5 de setembro de 2026, Ir. Rozina Yona Nade fez sua entrega a Deus como Irmã de São José de Chambéry, em uma celebração marcada pela alegria e pela gratidão. Estiveram presentes seus familiares, religiosos e religiosas, membros da comunidade local, as irmãs que vivem na missão e aquelas que estavam em visita, além das representantes do Conselho Geral: Ir. Elisa Zuanazzi, nossa Conselheira Geral, que nos acompanha de perto, oferecendo apoio, incentivo e colaboração, e Ir. Dolores Anita Lahr, nossa Superiora Geral, que acolheu Ir. Rozina na Congregação.

Neste momento em que nos alegramos e sonhamos com uma missão cada vez mais fortalecida pela presença de irmãs africanas, queremos fazer memória agradecida de cada missionária que viveu nessa terra e testemunhou nosso carisma de comunhão e unidade, partilhando seus dons e colocando-os a serviço da missão. Recordamos, com carinho especial, nossa querida Ir. Elenice Buoro, que deixou nessa terra seu testemunho de amor e zelo missionário e daqui partiu para a Casa do Pai.

Nossa gratidão se estende a cada irmã que, vinda da Índia, do Brasil, dos Estados Unidos, da Irlanda, do Paquistão, do Canadá, da Itália, da Noruega e de outros lugares, contribuiu para o florescimento dessa missão. Não importa por quanto tempo cada uma permaneceu; o que permanece é a marca de sua presença nessa terra sagrada, onde chegou nosso "Pequeno Projeto" e que, em sua pequenez, se tornou grande no coração de tantas Irmãs. Ao longo de nossos 376 anos de história, seguimos concretizando a inspiração de nosso querido Pe. Médaille: sermos sinais de unidade e do amor mais puro e perfeito, vivido de forma simples e humilde, a exemplo de Jesus, nosso Mestre na Eucaristia.

E a Boa Notícia continua! No dia 6 de setembro, logo após a celebração dos primeiros votos de Ir. Rozina, três jovens ingressaram no noviciado,



Irª Dolores e Irª Rozina

manifestando também o desejo de viver o nosso carisma. São elas: Rosemary Kastulli Gwarehhi, Onorather Asiimwe Chrizostom e Lidya Bosco Msigala, nossas noviças tanzanianas, com as quais iniciamos uma nova etapa de formação e acompanhamento.

Seguimos nessa caminhada confiantes de que, Aquele que chama é também o Mestre que nos conduz e sustenta. Por isso, contamos com a presença orante de cada irmã e com toda forma possível de apoio à nossa missão, às jovens que caminham conosco e àquelas que ainda poderão se unir a nós..

PEREGRINAS DA ESPERANÇA, TESTEMUNHAR A UNIDADE



Irª Eliana Aparecida dos Santos, CSJ

Brasil

No dia 22 de agosto, vivemos a segunda sessão do Capítulo Provincial das Irmãs de São José de Chambéry no Brasil. Foi um momento de encontro, escuta e reflexão que reuniu todas as Irmãs da Província, na modalidade online, e contou também com a presença de cerca de 40 leigos convidados. Mais do que uma etapa do nosso Capítulo, foi uma oportunidade para olharmos juntas para o caminho que estamos fazendo e para o futuro que queremos construir como Província.

A reflexão conduzida por Irmã Zuleica Silvano (Filhas de São Paulo – Paulinas), nos ajudou a entrar mais profundamente no tema do nosso Capítulo: "Peregrinas de esperança, testemunhar a unidade", e no lema: "Que sejam aperfeiçoadas na unidade" (Jo 17,23). Aos poucos, fomos percebendo que essas palavras não são apenas um tema para este momento. Elas podem se tornar um modo de viver a nossa vocação, o nosso carisma e a nossa missão. Ser peregrina significa estar a



caminho. Na Bíblia, peregrinar não é simplesmente sair de um lugar e chegar a outro.

É fazer uma experiência de transformação. Quem se coloca a caminho deixa algumas seguranças, encontra o diferente, enfrenta limites e aprende a confiar mais em Deus. Também nós, como Província, estamos vivendo um tempo de travessia. Há mudanças, fragilidades e desafios, mas também há possibilidades novas e a certeza de que Deus continua caminhando conosco.

A esperança cristã não é uma espera passiva. Ela nos coloca em movimento. É uma esperança que nasce da fé e se expressa na caridade, nas relações e nas escolhas que fazemos no presente. Somos chamadas a construir hoje aquilo que esperamos para o futuro.

E, nesse caminho, encontramos a palavra que ocupa um lugar central no nosso Capítulo: unidade. Jesus pede ao Pai que seus discípulos sejam um. É significativo que essa oração aconteça justamente quando os discípulos estão frágeis, inseguros e divididos. Isso nos mostra que unidade não significa pensar todas da mesma maneira ou não ter conflitos. Unidade significa aprender a permanecer juntas, escutar, dialogar, perdoar, cuidar dos vínculos e buscar, juntas, aquilo que Deus deseja.

Essa reflexão me fez pensar também na nossa caminhada sinodal. Não basta criar espaços de participação. É necessário escutar de verdade, valorizar a contribuição de cada pessoa e assumir juntas a responsabilidade pelos caminhos que escolhemos. A sinodalidade nos convida a passar do "eu" para o "nós", das decisões individuais para o discernimento comunitário.

Também somos chamadas a olhar para o exercício da autoridade. Precisamos passar do controle ao serviço, da imposição à escuta, da decisão isolada ao diálogo. A liderança, quando vivida como serviço, ajuda a comunidade a discernir e a caminhar. Da mesma forma, nossas comunidades precisam ser mais do que lugares onde realizamos tarefas. Precisam ser espaços de fraternidade, cuidado, pertença e comunhão.

Ao concluir a reflexão da sessão capitular, ressoa a pergunta: que Província/Congregação somos chamadas a construir juntas? Talvez o Capítulo nos convide não apenas a decidir, mas a deixar Deus transformar nosso modo caminhar.

Que possamos seguir caminhando juntas, com os pés no chão, o coração aberto e os olhos voltados para Jesus. Que nossa unidade não seja apenas uma palavra, mas uma experiência concreta de comunhão. E que, através dela, outras pessoas possam reconhecer que o amor de Cristo continua vivo entre nós.

CUIDADO E PROTEÇÃO DE PESSOAS VULNERÁVEIS EM AMBIENTES ECLESIAIS



Alexsandro Alves da Silva, LLPP

Brasil

No dia 26 de setembro de 2026, as Irmãs e os Leigos da Província Brasileira das Irmãs de São José de Chambéry participaram de uma formação sobre a Política de Proteção de crianças e adultos vulneráveis, conduzida por Frei João Ferreira Júnior (Ordem dos Frades Menores – Capuchinhos). O encontro proporcionou uma reflexão sobre a prevenção dos abusos e o fortalecimento de uma cultura do cuidado nos ambientes eclesiais.

A partir de cinco aspectos fundamentais, Frei João destacou que, embora o debate sobre o cuidado e a proteção tenha ganhado maior visibilidade nos últimos anos, os abusos em instituições religiosas não são recentes. Registros históricos do século XIX, na Irlanda, no Canadá e na França, já evidenciam essa realidade, que hoje suscita maior consciência e crescente intolerância diante de práticas abusivas.

O assessor ressaltou a necessidade de um olhar atento e crítico sobre a história, as estruturas institucionais e as relações estabelecidas nos espaços eclesiais. A prevenção dos abusos exige, portanto, mais do que atitudes individuais: requer uma revisão das práticas, das relações de poder e das culturas institucionais.

Nesse contexto, abordou a relação entre os abusos e o clericalismo, destacando que, embora não seja sua única causa, o clericalismo pode favorecer situações abusivas quando associado à concentração de poder e à ausência de transparência, participação e prestação de contas. As diferenças de autoridade, por si só, não constituem abuso, mas exigem responsabilidade e mecanismos de proteção.

Outro ponto significativo foi a especificidade dos abusos em ambientes religiosos, nos quais a confiança depositada nas lideranças está profundamente ligada à fé e à esperança. Quando essa confiança é violada, por meio de exploração sexual, financeira ou manipulação espiritual, as consequências atingem não apenas as vítimas, mas também a credibilidade das instituições e os vínculos comunitários.

A reflexão provocou ainda um questionamento essencial: em que medida a cultura dos abusos pode estar relacionada à maneira como se aprende a ser religioso ou religiosa? Essa indagação convida à revisão dos processos formativos e das práticas cotidianas, visando à construção de relações mais humanas, respeitosas e responsáveis.

Como caminhos concretos para consolidar uma cultura de cuidado e proteção, Frei João apresentou quatro dimensões fundamentais: espaços seguros, relações seguras, processos seguros e estruturas seguras. Essas dimensões constituem referências para promover ambientes acolhedores, transparentes e comprometidos com a dignidade de cada pessoa.

Durante o encontro, também foram apresentados o Serviço de Proteção e o Termo de Compromisso da Província Brasileira das Irmãs de São José de Chambéry, reafirmando a responsabilidade institucional na prevenção e no enfrentamento dos abusos.

Ao final, os participantes foram convidados a refletir sobre seus ambientes, relações, processos e estruturas, identificando propostas a serem encaminhadas ao Capítulo Provincial. O objetivo é fortalecer, ao longo do próximo quadriênio, uma cultura institucional fundamentada no cuidado, na corresponsabilidade e na proteção da vida.



Equipe de Proteção da Província Brasileira

A formação reafirmou que cuidar e proteger são compromissos essenciais da missão eclesial e da Vida Religiosa Consagrada, exigindo conversão pessoal, compromisso comunitário e transformação das estruturas.

MECÚFI: UM CAMINHO QUE ME TRANSFORMA



Irª Rita Tessaro, CSJ

Brasil

Há caminhos que nos levam a lugares e há caminhos que nos conduzem ao encontro. A visita à comunidade Santa Marta, em Mecúfi, na Diocese de Pemba, Moçambique, foi, para mim, um verdadeiro tempo de graça, oração, escuta e aprendizagem. Enviada pela Superiora Provincial, Irmã Maria da Consolação Rocha Coelho, e seu Conselho, em comunhão com toda a Província e a Congregação, cheguei com o desejo de conhecer, apoiar e partilhar a vida e a missão das Irmãs. Parti, porém, consciente de que uma visita missionária não consiste apenas em levar algo, mas também em estar disponível para receber.

Mecúfi é uma realidade que interpela. Ali aprendi novamente que é preciso chegar com humildade, olhar com atenção, escutar com o coração e deixar-se tocar pela vida das pessoas. Em meio às necessidades e aos desafios, encontrei rostos, histórias, fé, dignidade, cultura e esperança. Encontrei um povo que, mesmo diante das dificuldades, continua caminhando e encontrando razões para esperar.

A presença das Irmãs de São José de Chambéry naquele lugar ganhou, para mim, um significado ainda mais profundo. Percebi que a missão não se resume às atividades que realizamos. Ela começa pela presença: estar, escutar, acolher, cuidar, caminhar junto e permanecer. É uma presença simples e perseverante que, com a própria vida, pode dizer: "Vocês não estão sozinhos".

Essa experiência também me ajudou a compreender que missão não é somente ir para oferecer. É chegar com o coração aberto para aprender. Aprender com a sabedoria das pessoas, com sua fé, com sua cultura, com sua maneira de enfrentar a vida e com aquilo que Deus deseja nos revelar por meio do encontro.

Mecúfi me ensinou que a esperança se constrói também nos pequenos gestos: numa escuta atenta, numa mão que cuida, num coração que acolhe, numa palavra que encoraja e na decisão de permanecer ao lado de quem precisa. Muitas vezes, aquilo que parece pequeno aos



Irª Rita Tessaro com crianças em Mecufi

nossos olhos pode ser uma grande expressão do amor de Deus.

Volto dessa experiência com a certeza de que a missão transforma tanto quem é enviado quanto quem acolhe. Quando nos abrimos verdadeiramente ao encontro, deixamos de olhar apenas para o que podemos fazer pelo outro e começamos a reconhecer o quanto o outro também nos evangeliza.

Mecúfi me recorda que a missão é caminho de comunhão, interculturalidade e esperança. Somos chamadas a reconhecer Deus presente em cada povo, em cada cultura e em cada história. Somos enviadas para servir, mas também para aprender, acolher e deixar que a realidade transforme nosso modo de viver o Evangelho.

Que eu possa guardar no coração aquilo que este caminho me ensinou: há caminhos que nos levam a lugares, mas existem aqueles que nos levam ao encontro. ecúfi foi, para mim, um desses caminhos — um caminho que me aproximou do povo, da missão e, de modo muito especial, do coração de Deus.

Edição

Irª Barbara Bozak
Irª Eliana Aparecida dos Santos
Irª Leni Menegat
Irª Rozangela Steffenon

Projeto Gráfico

Irª Laveena D'Souza

Traduções

Irª Christiane Roger
Irª Cristina Gavazzi
Irª Gisela Heitz
Irª Margherita Corsino
Irª Maria Elisabete Reis
Irª Preeti Hulas
Irª Ivani Maria Gandini

Distribuição

Monica Bianchini
www.csjchambery.org

E - mail

icc@csjchambery.org